

# Um estudo variacionista sobre a lateral palatal

Silvia Figueiredo Brandão\*

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ



**RESUMO** – Neste trabalho, focaliza-se a variação da lateral palatal na variedade popular de treze comunidades do Estado do Rio de Janeiro, com base em dados selecionados de 78 inquéritos e com apoio nos fundamentos teóricos e metodológicos da Sociolingüística Variacionista. Analisam-se, em particular, três de suas variantes. Os resultados demonstram que uma delas é condicionada só por fatores lingüísticos, enquanto as duas outras são motivadas tanto por fatores lingüísticos quanto extralingüísticos. De acordo com os resultados da análise, sugere-se que, na fala dessas comunidades, coexistem dois padrões de variação, um, socialmente não-marcado, outro, socialmente marcado.

**Palavras-chave** – Lateral palatal; variação lingüística; variedade popular.

**ABSTRACT** – In this paper we focus the palatal lateral variation in the substandard variety of thirteen communities of the State of Rio de Janeiro, supported with data selected from 78 inquiries and on the basis of the theoretical and methodological foundations of Variationist Sociolinguistics. We analyse, in particular, three of its variants. The results show that one of them is constrained only by linguistic factors, while the two others are conditioned by both linguistic and extralinguistic factors. According to the results from the analysis, we suggest that in the speech of those communities two patterns of variation coexist, one, *socially unmarked*, the other, *socially marked*.

**Key words** – Palatal lateral; linguistic variation; substandard variety.

No sistema consonantal do Português, a lateral palatal é dos segmentos menos produtivos. Em início de vocábulo, registram-se apenas dezessete formas por ela introduzidas (HOUAISS, 2001) que, à exceção de *lhe* e suas combinações com os clítics *o(s)* e *a(s)* – formas

---

\* Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

estas ausentes no Português do Brasil –, constituem empréstimos de outras línguas. Em seu contexto de origem, o intervocálico, observa-se significativa flutuação de pronúncia, sobretudo nos registros menos tensos, o que leva, por exemplo, à neutralização do contraste com a lateral seguida de semivogal coronal. É usual, ainda, a permuta da lateral palatal pela semivogal anterior e vice versa em pares do tipo *caiar/calhar*, *teia/telha*. Em função desse quadro, estudos de natureza diversa, em diferentes perspectivas teóricas, têm focalizado esse segmento, quer do ponto de vista estritamente fonológico, quer no que toca a seu caráter variável.

Do ponto de vista fonológico, o segmento é interpretado como uma consoante ora simples, ora complexa. Pontes (1973), ao apresentar a análise fonêmica que serve de base a seu estudo sobre a estrutura do verbo no português coloquial, elimina do quadro de fonemas a lateral palatal, que interpreta como seqüência /ly/ (foneticamente [lʏ], lateral alveopalatal), *alegando* “não existir na língua coloquial, o contraste que a escrita sugere, do tipo óleo-olho, que se pronunciam da mesma maneira: [oʎʊ]”. Em nota, lembra que Mattoso Camara Jr. (1953: 58) indicava tal neutralização. Mattoso Câmara Jr. (1977: 45) chamava, também, a atenção para a ausência de contraste entre [ʎ] e /l/ diante de /i/, em vocábulos como *folhinha*:

São igualmente típicas da variedade relaxada a ausência de /r/ em posição pós-vocálica final e a neutralização do contraste /l/ - /lh/ e /n/ - /nh/ diante de /i/ com a realização, apenas, do primeiro membro (*foli' nha*, /compañi'a, ou diante de /y/ a anulação da distinção /lh/ - /ly/, /nh/ - /ny/ como nos casos de *venha* e *vênia* (*ve'nha/ - /ve'nyã/*) ou de *olhos* e *óleos* (/ò'ʎhus/ - /ò'lyus/).

Além do fato de não ocorrer, no vernáculo, em contexto inicial de vocábulo, a presença de nasal palatal (a exemplo de sua homorgânica nasal) está sujeita a restrições de ordem fonotática que fundamentaram a interpretação de Wetzels (2000),<sup>1</sup> que a considera uma geminada fonológica, bem como a de Hernandorena (2000) que a caracteriza, à luz da Fonologia Auto-segmental, como um segmento complexo, com uma articulação primária consonantal e uma articulação secundária vocálica.

<sup>1</sup> Segundo Wetzels, (a) ser sempre precedida de sílabas leves, (b) o algoritmo de silabificação criar um hiato, no caso de ser antecedida por V + V alta, (c) ao ocorrer como *onset* de sílaba em final de palavra, o acento nunca cair na antepenúltima sílaba, pois sua presença torna a sílaba pré-final pesada.

No que concerne a suas diferentes formas de manifestação nos dialetos brasileiros, há as observações presentes nos primeiros estudos de caráter dialectológico (AMARAL, 1920; NASCENTES, 1922; AGUIAR, 1937; TEIXEIRA, 1938; 1944) ou em trabalhos mais recentes (RODRIGUES, 1974, ARAGÃO, s/d; AGUILERA s/d), que chamam, sobretudo, a atenção para a ocorrência da despalatalização e da iotização, esta última incluída por Rossi (1970) entre os fenômenos “*panbrasileiros (ou quase)*”.

O cancelamento – como em [λmiu] por milho – e as variantes [i] e [j] – como em [mu´lɛ]/[mu´jɛ], por mulher –, resultantes, na perspectiva de Hernandorena (2000), do desligamento, respectivamente, da constrição secundária vocálica e da constrição consonantal primária da lateral palatal, são bastante produtivos na fala de comunidades rurais ou de grupos com baixo ou nulo nível de escolaridade, como se pode observar no Quadro 1, organizado com base na consulta a cartas do Atlas Lingüístico da Paraíba, Atlas Prévio dos Falares Baianos, Atlas Lingüístico de Sergipe (vol. 1) e Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais.

QUADRO 1 – A variável (λ) em 21 cartas do ALPB, APFB, ALSE (vol. 1) e EALMG.

<i>Variantes</i>	<i>Ocorrências</i>	<i>Percentual</i>	<i>Exemplo</i>
[λ]	176	35%	[orí'vaλu]
[ʎ]	9	2%	[‘oʎ'valju]
[j]	272	53%	[oju]
[i]	1	0%	[oʎ'valu]
Cancelamento	52	10%	[bra'gie]
<i>Total</i>	<i>510</i>	<i>100%</i>	

Embora baseada apenas num total de 21 cartas,<sup>2</sup> correspondentes a um número restrito de vocábulos (e, conseqüentemente, de poucos contextos de ocorrência), constata-se o predomínio da variante [j] e, no caso de vocábulos com [i] tônico no contexto antecedente, o cancelamento do segmento.

<sup>2</sup> A variável foi observada nas formas a seguir elencadas, que constam das cartas indicadas entre parênteses: (a) do ALFB: olho d’água (005), olheiro (006), orvalho (027), olho de boi (033), joelho (068), dor d’olhos (074, 075), zanolho (077), braguilha (107); (b) do APFB: arco-da-velha/do velho (004), sarolha, sarolhada (022), borquilha, dor d’olhos/d’olho (092); (c) do ALSE, v.1: arco-da-velha/do velho (033), sarolho(a), sarolhada (023); trabalhador (024); palha (051); medalha, medalhazinha, medalhinha (068), dor d’olhos (099); (d) do EALMG: arco-da-velha (003), orvalho (005).

Tal quadro, no entanto, contrasta com o que se observa em áreas do Estado do Rio de Janeiro, em que [ʎ] é a variante mais freqüente (90%),<sup>3</sup> como se verifica não só pelos índices expostos no Quadro 2, referente à Área Metropolitana do Rio de Janeiro,<sup>4</sup> mas também pela análise realizada com amostra relativa à fala das regiões Norte e Noroeste, que constitui o foco do presente estudo.

QUADRO 2 – A variável (ʎ) em 20 cartas do *Atlas Fonético do entorno da Baía de Guanabara* (Lima, 2006).

<i>Variantes</i>	<i>Ocorrências</i>	<i>Percentual</i>	<i>Exemplo</i>
[ʎ]	388	90%	[a'beʎɐ]
[ʎ]	14	3%	[a'guljɐ]
[j]	15	3.5%	['oju]
[l]	15	3.5%	[ku'le]
Total	432	100%	

## 1 O estudo variacionista

O estudo sobre a fala das regiões Norte e Noroeste do Estado foi realizado com base em 3501 dados selecionados de inquéritos referentes a 13 comunidades distribuídas pelas áreas litorânea e interiorana.<sup>5</sup> Os 78 informantes, todos do sexo masculino, analfabetos ou com, no máximo, 4 anos de escolaridade, distribuem-se por três faixas etárias (18-35 anos; 35-55 anos; mais de 56 anos).

Na amostra, a lateral palatal, com um índice de freqüência de 72% (2515 ocorrências), surge como a variante preferencial em contraste com a semivogal e a lateral alveolar, que atingem, respectivamente, o mesmo índice de 5%. (cf. Quadro 3)

<sup>3</sup> A variável foi observada nas respostas às 19 cartas indicadas entre parênteses: abelha (001), agulha (006), braguilha (044), coelho (067), colher (069), folha (115), galho (124), joelho (142), melhor (165), olhos (188), olho (189), orelha (190), piolho (208), sobrançelha (242), telha (252), trabalhar (256), velho (267), vermelho (269), julho (302).

<sup>4</sup> Lima (2006) realizou os inquéritos nos municípios de Nova Iguaçu, Duque de Caxias, Mauá e Itaguaí.

<sup>5</sup> Constituem (a) a área litorânea as comunidades de Barra de Itabapoana, Guaxindiba, São João da Barra, Gargaú, Atafona, Farol de São Tomé, Macaé e (b) a área interiorana, as de São Benedito, Ponta Grossa dos Fidalgos, São Fidélis, Cambuci, Itaocara e Itaperuna.

QUADRO 3 – Índices relativos à variável ( $\lambda$ ) em 3501 dados

<i>Variantes</i>	<i>Ocorrências</i>	<i>Percentual</i>	<i>Exemplo</i>
[ $\lambda$ ]	2514	72%	[ˈki $\lambda$ ɐ] <quilha>
[ʎ]	610	17%	[ˈfiljʊ] <filho>
[l]	181	5%	[muˈlɛ] <mulher>
[j]	174	5%	[maˈjɛrɐ] <malheira>
[ $\emptyset$ ]	21	1%	[ˈmiu] <milho>

Se o elevado índice de [ $\lambda$ ] surpreende pelo fato de tratar-se de uma amostra representativa da fala de indivíduos de baixo nível de escolaridade e residentes em áreas rurais ou semiurbanizadas, tradicionalmente apontadas como tendente à iotização, por outro, o baixo índice das demais variantes permite melhor aferir seus fatores condicionantes.

As análises, realizadas segundo os pressupostos da Sociolinguística Variacionista, com o auxílio do pacote de programas GOLDVARB, levou em conta os grupos de fatores: (a) área geográfica e faixa etária, de cunho extralingüístico; e (b) contexto antecedente, contexto subsequente, classe do vocábulo, tonicidade da sílaba em que incide o segmento, e presença de nasal palatal no vocábulo, de cunho estrutural.

Em todo o *corpus* há apenas 21 casos de cancelamento, o que levou à sua observação pontual e indicou que ele ocorre, em sua grande maioria, quando há, no contexto antecedente, a vogal coronal [i] (cf. Quadro 4).

QUADRO 4 – Vocábulos com cancelamento de / $\lambda$ / no *corpus*

[mióˈravɐ] <melhorava>	[ˈfiu] <filho>
[ˈmiu] <milho>	[fuhˈkiɐ] <forquilha>
[míˈ $\emptyset$ ] <melhor>	[kaheˈtʃiɐ] <carretilha>

Para se detectarem os fatores que presidem à implementação das demais variantes, procedeu-se a análises opondo-se à lateral palatal cada uma das variantes. Obtiveram-se os seguintes índices (c.f. Quadro 5)

QUADRO 5 – Índices relativos à análise de três das variantes de ( $\lambda$ )

<i>Variantes</i>	<i>Ocorrência</i>	<i>Percentual</i>	<i>Input da regra</i>	<i>Sign. da regra</i>
[ʎ]	610/2515	19%	0,14	0,008
[j]	174/2515	6%	0,03	0,019
[l]	181/2515	6%	0,01	0,020

As variantes [ʎ] e [j] são condicionadas por fatores tanto lingüísticos quanto extralingüísticos, enquanto a troca de /ɫ/ por [ʎ] deve-se, apenas, a fatores estruturais como mostra o Quadro 6.

QUADRO 6 – Variáveis condicionadoras de três variantes de (ɫ)

[ʎ]	[j]	[ʎ]
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tonicidade da sílaba</li> <li>• Contexto antecedente</li> <li>• <i>Localidade</i></li> <li>• <i>Faixa etária</i></li> <li>• Classe de vocábulo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Contexto antecedente</li> <li>• <i>Localidade</i></li> <li>• <i>Faixa etária</i></li> <li>• Tonicidade da sílaba</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Contexto subsequente</li> <li>• Nasal palatal no vocábulo</li> </ul>

Concorrem para a implementação da variante [j] (cf. Quadro 7, resumitiva), do ponto de vista estrutural, fatores concernentes à tonicidade da sílaba, ao contexto antecedente e à classe do vocábulo. Há maior probabilidade de ocorrência em sílaba postônica (0,64), depois de vogal alta (0,62), sobretudo em nomes (0,55), de que são exemplos, entre outros, *quilha*, *barulho*.

QUADRO 7 – Fatores condicionadores de [j]

Variáveis	Fatores	Ocorrência	Perc.	Peso Relativo
Tonicidade da sílaba	<i>Postônica</i>	569/2156	26%	0,64
	<i>Pretônica/tônica</i>	41/969	4%	0,20
Contexto antecedente	<i>V [+alta]</i>	272/916	29%	0,62
	<i>V [-alta]</i>	338/2209	15%	0,44
Localidade	<i>Litorânea</i>	432/1900	22%	0,56
	<i>Interiorana</i>	178/1225	14%	0,39
Faixa etária	A- 18-35 anos	172/897	19%	0,51
	B- 36-55 anos	174/1063	16%	0,43
	C- 56-76 anos	264/1165	22%	0,54
Classe do vocábulo	<i>Nome</i>	531/2256	23%	0,52
	<i>Verbo</i>	78/847	9%	0,43

Já sua concretização como semivogal coronal tem como fatores estruturais condicionantes (cf. Quadro 8), o contexto antecedente, em que sobressaem as vogais abertas (p.r. 0,62) e a tonicidade da sílaba: as postônicas, embora com índice próximo à neutralidade (p.r. 0,55) parecem mais propícias à ocorrência de [j]. Vocábulos como *olha*, *velha*, *cascalho*, *atrapalha*, exemplificam a atuação desses fatores.

QUADRO 8 – Fatores condicionadores de [j]

<i>Variáveis</i>	<i>Fatores</i>	<i>Ocorrência</i>	<i>Perc.</i>	<i>Peso Relativo</i>
Contexto antecedente	V [+aberta]	138/1559	8%	0,62
	V [-aberta]	36/1130	3%	0,32
Localidade	<i>Interiorana</i>	150/1197	12%	0,75
	<i>Litorânea</i>	24/1492	1%	0,27
Faixa etária	A- 18-35 anos	22/747	2%	0,32
	B- 36-55 anos	53/942	5%	0,48
	C- 56-76 anos	99/1000	9%	0,64
Tonicidade da sílaba	Pretônica/tônica	42/970	4%	0,41
	Postônica	132/1719	6%	0,55

Atuam para a aplicação de [l] a presença: (a) após o segmento, de vogal [+cor], sobretudo de [i], (*mu*[ˈlɛ], *co*[ˈli]mos, *co*[ˈli]); (b) ou de outra consoante palatal na palavra (*fo*[l]inha, *i*[l]inha).

QUADRO 9 – Fatores condicionadores de [l]

<i>Variáveis</i>	<i>Fatores</i>	<i>Ocorrência</i>	<i>Perc.</i>	<i>Peso Relativo</i>
Contexto subsequente	V [+cor]	162/273	59%	0,98
	V [-cor]	19/2423	1%	0,38
Nasal palatal no vocábulo	<i>Ocorre</i>	30/127	23%	0,68
	<i>Não ocorre</i>	151/2569	5%	0,49

Embora não selecionada pelo programa, a variável tonicidade da sílaba também pode ser considerada relevante: das 181 ocorrências de [l], 148 (82%) ocorreram em sílaba tônica. No nível 1 da rodada que originou a análise aqui apresentada, o p.r. para esse fator foi de 0,77, enquanto o da postônica, 0,30 (cf. abaixo).

QUADRO 10 – Atuação da variável tonicidade da sílaba (nível 1) para a implementação de [l]

<i>Tônica/pretonica</i>	149/1077	13%	0,77
<i>Postônica</i>	32/1619	1%	0,30

Retomando os Quadros 3 e 4, observa-se que apenas as variantes [lʲ] e [j] apresentaram condicionamentos de caráter extralingüístico: área geográfica e faixa etária.

Enquanto [lʲ] é mais produtiva na área litorânea, mais urbanizada, com p.r. 0,62, [j] ocorre, fundamentalmente, na área interiorana, de

perfil mais rural, com p.r. 0,72, nesta última sendo exceção apenas duas das comunidades, Itaperuna e São Fidélis, exatamente aquelas com maior índice de urbanização.

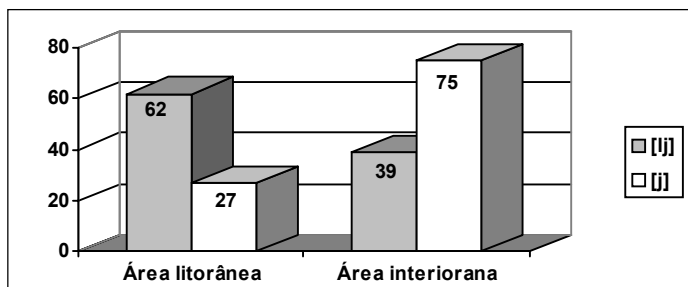


GRÁFICO 1 – Pesos relativos referentes à atuação da variável área geográfica para a aplicação de [l] e de [j].

Também é relevante a variável *faixa etária* (cf. Gráfico 2) para a compreensão de como se distribuem essas duas variantes na fala das diferentes gerações. A variante [l] distribui-se pelas três faixas etárias de forma homogênea, como sugerem os pesos relativos, medianos e bastante aproximados (faixas A: 0,51 ; B: 0,43; C: 0,54), o que demonstra ser essa uma regra que, apesar de pouco produtiva na região, é estável. Já os índices referentes a [j] não só reforçam sua baixa frequência, mas também mostram que tal variante está mais presente na fala dos indivíduos mais velhos (p.r. 0,64) do que na dos de meia idade (p.r. 0,48) ou na dos mais jovens (p.r. 0,32).

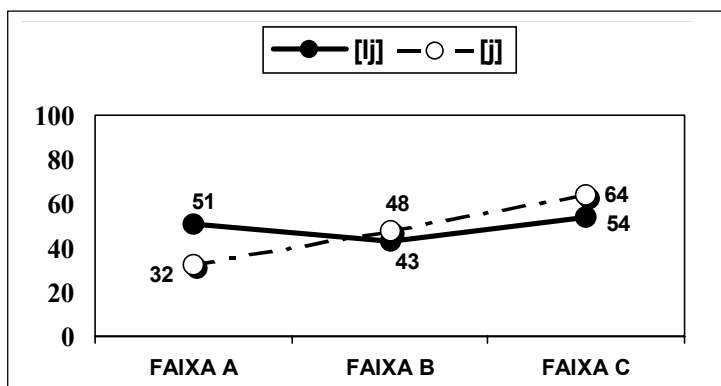


GRÁFICO 2 – Pesos relativos referentes à atuação da variável *faixa etária* para a concretização de [l] e de [j].



O pequeno número de dados referentes às variantes menos produtivas no *corpus* suscitou, ainda, a observação pontual do comportamento da variável. Verificou-se, de um lado, que a lateral palatal faz parte da gramática de todos os falantes, de outro, que a semivogal, embora pouco representada na amostra, aparece na fala de 31 indivíduos.

QUADRO 11 – Distribuição das variantes na fala de um total de 78 informantes

Variantes →	[ɬ]	[ʎ]	[l] <sup>1</sup>	[l] <sup>2</sup>	[j]	[ø]
	↓	↓	↓		↓	↓
Número de informantes →	78	73	34	46	31	12

Com base na distribuição das variantes na fala de cada informante, chegou-se a dois padrões básicos de variação idioletal de [ɬ], aqui denominados de *não-marcado socialmente* e *marcado socialmente*.

O *padrão não-marcado socialmente* incluiria, além da variante [ɬ], as variantes [l]<sup>1</sup>, quando seguida de [i] – fo[l]inha, por exemplo – e/ou [ʎ], estas últimas consideradas por Camara Jr. “típicas da variedade relaxada” (cf. citação no início do texto).<sup>6</sup> Tal combinação aparece na fala de 13 informantes (17%): [ɬ] ~ [ʎ], na de nove indivíduos, [ɬ] ~ [ʎ] ~ [l]<sup>1</sup>, na de quatro.

O *padrão marcado socialmente* seria aquele em que, além das três ou de uma ou duas das referidas variantes, se encontram o cancelamento (como em [míʔ]), a variante [j] e o [l]<sup>2</sup> diante de vogais diferentes de [i] (como em [mu'le]), por exemplo, o que ocorre na fala de 65 informantes (83%), gerando dezesseis tipos de combinações.

Ressalte-se que variantes aqui consideradas socialmente marcadas se observam nas etapas iniciais de aquisição da lateral palatal. Como demonstrou Hernandorena (1997), quando não se verifica o apagamento, a criança concretiza-a, em qualquer contexto, inicialmente, como [l] (até os 2:4 ou 2:5 anos) e, em seguida, como [j] (até 2:8, 2:9 anos). Só por volta dos 3:6-3:7 anos, começa a implementar [lj], que, como se observa nos *corpora* aqui focalizados, concorre, em qualquer dialeto, com a variante [ɬ].

<sup>6</sup> Para estabelecer os diferentes contextos da variante [l], esta foi especificada como [l]<sup>1</sup> quando diante de [i] e [l]<sup>2</sup> quando diante das demais vogais.

## 2 Considerações finais

O estudo sobre a variável ( $\lambda$ ) na fala do Norte e do Noroeste fluminenses demonstrou:

- (1) do ponto de vista estrutural, que (a) [ $\lambda$ ] está presente na fala de todos os informantes, concorrendo sobretudo com [l<sup>j</sup>], a segunda variante mais produtiva; (b) diante de [i], [ $\lambda$ ] concorre com o cancelamento ou com [l], condicionado, sobretudo pela presença da nasal palatal no vocábulo, não se observando, nesse contexto, as demais variantes; (c) [j] ocorre, preferencialmente, depois de vogal aberta; (d) a tonicidade da sílaba é uma variável importante para a implementação das diferentes variantes: o contexto postônico é o mais propício à implementação de [l<sup>j</sup>] e da semivogal, enquanto [l] é preferencialmente acionado em contexto tônico; (e) os contextos adjacentes ao segmento também se mostraram relevantes (i) à esquerda, vogais altas condicionam a variante [lj] e vogais abertas a semivogal [j]; (ii) à direita são as vogais [+ cor] as que mais propiciam a ocorrência de [l].
- (2) do ponto de vista extralingüístico, os resultados (a) confirmam a hipótese inicial de que, embora fortemente motivadas por fatores de natureza estrutural, as variantes [lj] e [j] são também condicionadas por fatores de natureza diatópica e diastrática; (b) demonstram que, no território fluminense, ao contrário do que se verifica em outras áreas do País, parece prevalecer, mesmo em pequenas comunidades rurais ou semiurbanizadas, a variante [ $\lambda$ ]; (c) permitem estabelecer dois padrões de variação, um *socialmente não marcado*, presente na fala de 17% dos informantes da pesquisa, outro *socialmente marcado*, que constitui a norma em 83% dos casos.

## Referências

- AGUIAR, Martins de. Fonética do português do Ceará. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará*, n. 51.
- AGUILERA, Vanderci. A iotização de [ $\lambda$ ] no Atlas Lingüístico do Paraná, s/d. 15 p. (mimeo)
- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. 3. ed. São Paulo: Hucitec; Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.
- ARAGÃO, Maria do Socorro S; MENEZES, C. P. B. *Atlas Lingüístico da Paraíba*. Brasília: UFPB/CNPq, 1984. 2 v.
- \_\_\_\_\_. A despalatalização e a iotização no *Atlas Lingüístico da Paraíba*, s/d-a. 6 p. (mimeo)

- ARAGÃO, Maria do Socorro S; MENEZES, C. P. B. A despalatalização no português não-padrão de Fortaleza, s/d-b. 12 p. (mimeo)
- CAMARA JR., Joaquim M. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- FERREIRA, Carlota et al. *Atlas Lingüístico de Sergipe*. Salvador: UFBA, Instituto de Letras; Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987. v. 1.
- HERNANDORENA, Carmen Lúcia M. As soantes palatais no Português Brasileiro. In: GÄRTNER, E.; HUNDT, C; SCHÖNBERGER, A. (Org.). *Estudos de gramática portuguesa II*, Frankfurt am Main: TFM, 2000.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LIMA, Luciana Gomes de. *Atlas fonético do entorno da Baía de Guanabara-AFeBG*. 2006. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2 v.
- MARROQUIM, Mário. *A língua do Nordeste (Alagoas e Pernambuco)*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.
- RIBEIRO, José et al. *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: MEC, Fundação Casa de Rui Barbosa, Universidade de Juiz de Fora; 1977. v. 1.
- RODRIGUES, Ada Natal. *O dialeto caipira na região de Piracicaba*. São Paulo: Ática, 1974.
- ROSSI, Nelson. A iotização de /lh/ em algumas localidades baianas. In: SIMPÓSIO DE FILOLOGIA ROMÂNICA, 1., Rio de Janeiro, 1958. *Anais...* Rio de Janeiro: INL/MEC, 1970.
- ROSSI, Nelson et al. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: MEC, INL, 1963. 1 v.
- TEIXEIRA, José A. O falar mineiro. *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, n. 4, 1938.
- \_\_\_\_\_. *Estudos de dialectologia portuguesa. Linguagem de Goiás*. São Paulo: Anchieta, 1944.
- WETZELS, Leo. Consoantes palatais como geminadas fonológicas no português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 9, n. 2, 2000.